

O Estado
23/2/96

OLIVEIROS S. FERREIRA

Uma ação "guerrilheira"

Creio que foi em 1948 que a Faculdade de Filosofia saiu da Praça e se instalou na Maria Antônia. Saímos porque a Secretaria da Educação queria ocupar, porque queria, o terceiro andar da Praça, jogando a Faculdade para onde fosse. Primeiro, transferiu móveis e utensílios para o terceiro andar — e os bravos alunos pegaram os móveis e utensílios e os puseram na rua, só não os jogando pelas janelas porque havia gente sensata que não queria que se quebrassem mesas e cadeiras se lançadas lá de cima na praça. Fizemos, creio, uma passeata, reivindicando um prédio — e nosso ideal era mudar para a Cidade Universitária, mal sabendo que se chegássemos ao Butantã acabaríamos perdendo as condições físicas que permitiram se formar a pequena comunidade.

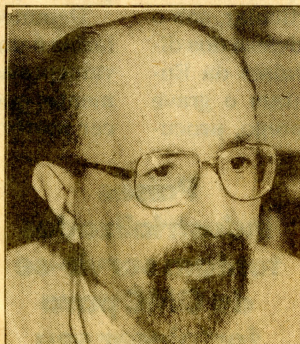
Não é disso que quero lembrar, mas sim de uma ação "guerrilheira" contra Adhemar de Barros, governador. Como era hábito, deveria haver a inauguração do prédio que devia ter pelo menos uns 10 ou 20 anos. A placa de bronze, dizendo quem era o governador, o reitor e o diretor foi colocada na parede, logo na entrada, e coberta, esperando o dia seguinte. O homem pôe e Deus dispõe... Três rapazes decidiram que as coisas não passariam em brancas nuvens. Um deles tinha o

carro do pai (dr. Mário era udenista, o filho nem tanto, mas ter carro disponível era símbolo de grande status. Tão grande que um dia o jovem Fernando Henrique, que ia nele, se assustou quando, de madrugada, o carro entrou no túnel da 9 de julho a mais de 100 por hora e o motorista, diante de nosso temor, disse: "Breque é bom."). Outro tinha sido "classop", militante não-membro do PC, com a incumbência de distribuir a *Classe Operária*. Basicamente era poeta, bom poeta. O terceiro era socialista. Era um bom time.

Jantaram no Clube dos Artistas, seguramente com gim inglês, foram ao Largo de Pinheiros, onde num local compraram tinta, noutra um pincel. Às 2 da madrugada, dois guarneceram as esquinas do quarteirão em que ficava a Faculdade, enquanto o terceiro pintava: "Abaixo Adhemar, inimigo da cul-

tura." Em seguida, foram dormir o sono dos justos que cumpriram seu dever. No dia seguinte, pela manhã, o chefe dos porteiros teve de pintar o muro de branco e todos culparam um colega, udenista, membro daquilo que depois se chamaria o *grupo do Estado*.

Adhemar de Barros não se preocupou com esse tipo de protesto — se é que dele chegou a tomar conhecimento. Preocupavam-no a política e os subprodutos dela. Politicamente, em 1950, elegeu com facilidade seu sucessor, o professor Lucas Nogueira Garcez, que vinha da Escola Politécnica. Anos depois, na eleição de 1954, Adhemar insultou pesadamente Garcez em um comício — e dizem que o insulto lhe custou a eleição. O que não é verdade, pois Jânio Quadros o batera sem dó nem piedade. Os subprodutos concentravam-se na



■ Oliveiros S. Ferreira é diretor do "Estado"

Adhemar não se preocupou com o protesto, se é que dele chegou a tomar conhecimento

Secretaria dos Transportes (que não conseguiu de maneira alguma controlar) e no empenho em ter caixa suficiente para poder financiar uma eleição. Como disse certa vez a seu líder na Assembléia, repetindo o que dissera tempos atrás a um delegado desafeto, preocupava-se com isso para não ter de submeter-se às exigências da Federação dos Bancos nem da Fiesp na escolha do secretário da Fazenda. Esses subprodutos geraram outro, que lhe trouxe sérias dores de cabeça: no

governo Garcez, descobriu-se que artigos publicados por Paulo Duarte no *Estado* constituíam aquilo que no Direito Penal se chama de *notitia criminis*. O procurador-geral de Justiça, ouvido o governador Garcez (daí o insulto, anos depois), determinou a instauração de processo crime contra o ex-governador do Estado.

☆

N.B. — Dr. Décio Grisi faz-me a gentileza de enviar-me página do *Diário Oficial* de 28 de novembro de 1947, retificando minha afirmação de que o sr. Jânio Quadros chegara à Câmara de Vereadores em decorrência da cassação do mandato dos comunistas. O documento comprova que Jânio foi eleito com 1.707 votos e que a memória, repetindo o que ouvira várias vezes, traiu os fatos.

23/2/96